

Platão entre poesia e estética

Robson Soares Cabral de Oliveira

Doutorando em Filosofia na UERJ

Bolsista da FAPERJ

<http://lattes.cnpq.br/1042962503595502>

oliveira.robson@posgraduacao.uerj.br

114

Platão trata de poesia em diversos lugares de sua obra e segundo aspectos completamente distintos, mas, sem sombra de dúvidas, é na *República* que nós encontraremos aquilo que ficou marcado na história como sendo a posição platônica sobre o assunto. A crítica à poesia iniciada nos livros II e III e consumada no livro X dessa obra constitui a imagem platônica sobre poesia e deixa para a posteridade a infâmia de sua expulsão da cidade ideal. Sobre esse episódio, bibliotecas estão abarrotadas. Muito se discute a respeito da validade e da extensão de tal crítica. E tentativas não faltam de eufemizar, senão ignorar, as duras palavras empregadas por Platão nesse momento. Platão, que nunca se furtou de empregar os recursos poéticos e literários, como poderia ele condenar aquilo que ele mesmo faz?! Perguntam-se.

O fato, no entanto, é que ele o faz, e com muita clareza, ainda que não em um tratado de poesia, mas em uma conjuntura especulativa sobre educação moral e política como meios para o bem viver. E, *nessa conjuntura, caso aceitemos* as proposições apresentadas no diálogo, é inevitável concordarmos com a conclusão de que a poesia é nociva e engendra uma má constituição na alma e na cidade.

Porém, independentemente do valor atribuído à poesia no contexto da crítica, Platão nos deixa elementos que vão constituir uma conceituação da poesia em três níveis: no nível de uma teoria literária, no de uma filosofia da arte e no de uma teoria estética. Nos livros II e III, para discutir as diferentes influências da obra literária no processo de educação moral, Platão conceitua a estrutura fundamental da poesia enquanto literatura: ela é narrativa (*diégesis*) de ações no tempo. Já no livro X, uma vez distinguida nos livros IV, VI e VII a sua psicologia e a sua concepção dos graus de realidade, Platão conceitua a poesia nos outros dois níveis: do ponto de vista de sua natureza ela é imitação (*mímesis*) e, portanto, imagem (*eidolon*); do ponto de vista de seus efeitos na alma humana, ela é

estético-patética, é uma produção sensível que se realiza na identificação emocional (*sumpáttheia*) da alma com relação às ações apresentadas. Sua natureza imitativo-imagética e seus efeitos acústicos despertam a ilusão dramática das ações narradas, produzem crença e afloram as emoções do humano frente o humano.

A questão que fica para nós, então, é que, se levamos a sério a crítica à poesia operada na *República*, veremos que ela se fundamenta na compreensão platônica da nocividade dos efeitos da poesia para a educação moral e política tal como ele a concebe. Mas ao realizar sua crítica, Platão conceitua o funcionamento da poesia no humano, e o faz reconhecendo a sua natureza estética, ainda que ele a julgue negativamente com relação a seus projetos.

Palavras-chave: Platão. Poesia. Estética. Literatura. *Diégesis*. *Mimesis*.

Bibliografia

PLATO; ADAM, J. (ed.). *The Republic of Plato*. Volume 1: books I-V. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

_____. *The Republic of Plato*. Volume 2: books VI-X and indexes. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

PLATO; MURRAY, P. (ed.). *Plato on Poetry*. Ion; Republic 376e-398b9; Republic 595-608b10. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

PLATO; RIJKSBARON, A. (ed.). *Ion Or: On the Iliad*. Amsterdam Studies in Classical Philology, 14. Leiden and Boston: Brill, 2007.

PLATO; SLINGS, S. R. (ed.). *Platonis Rempublicam*. New York: Oxford University Press, 2003.